ANO I — N.º 36 — PREÇO: 1 ESCUDO
LISBOA, 22 DE JANEIRO DE 1942

GREGÓRIO MARAÑON, escritor e homem de ciência de renome universal, fazendo no Círculo Eça de Queiroz, a sua conferência sôbre «A lenda de D. João».

CALÇADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

UMA pessoa das minhas relações foi há dias jantar a casa dum amigo. Jantar gordo, chorudo, opulento, composto de meia dúzia de pratos entre os quais se destacavam, pela sua actual raridade, alguns excelentes linguados fresquíssimos como água, e uma formosa posta de vitela como, há muito, os seus olhos não contemplavam. À sobremesa, cinco ou seis variedades de doce, denotando que o açúcar não faltava naquele lar providencial, e outras tantas variedades de fruta, tão viçosa e ressumante que dir-se-ia colhida num verdadeiro pomar de deuses. Quando terminou o jantar, autêntico banquete de Pantagruel, o convidado não se conteve que não perguntasse aos donos da casa como se permitiam o luxo de conseguir, numa época de colapso culinário, verdadeiros milagres de acepipe.

— Duma maneira muito simples — responderam-lhe, sem hesitação. — Arranjando uma cozinheira bonita...

E logo acrescentaram:

— Os fornecedores apaixonam-se por ela, procuram todos os pretextos para lhe ser agradáveis; e o caso é que não nos falta nada...

Aqui fica a sugestão. Se querem resolver o problema dos abastecimentos domésticos não hesitem um instante: arranjem uma cozinheira bonita — e terão a Praça da Figueira a vossos pés...

BALZAC

O autor do *Comédia Humana* ofereceu, certo dia, um jantar ao seu editor Werder no célebre restaurante Véry. Werder, que sofria duma infatigável doença do estômago, limitou-se a um prato de canja.

— O quê? Apenas um prato de sopa? — exclamou Balzac — Tenho de rehabilitar êste banquete...

E comeu cem ostras, um linguado, doze costeletas de carneiro, um pato, duas perdizes, frutas variadas e duas garrafas de vinho...

COINCIDÊNCIA

QUANDO se estreou no *Trindade* Josefina Backer, esta foi enquadrada num espectáculo de variedades que ficará na nossa memória como uma sombra triste. Josefina conseguiu até certo ponto reconciliar o público com a emprêsa organizadora. Embora ressalvando a célebre vedeta, todos os jornais caíram hoje a fundo sôbre a organização do espectáculo. Houve, porém, uma nota cómica que merece registo. Quando em plena cena aberta, um faquir, de turbante, empunhando uma grande espada, convidava um espectador a subir ao palco para lhe cortar a cabeça, surgiu imprevistamente, ao fundo da coxia, Augusto de Castro. Uma gargalhada ressoou por tôda a sala, na impressão de que era êle o espectador necessário à proeza do faquir. Afinal verificara-se apenas esta coincidência: Augusto de Castro entrava nessa ocasião para ocupar o seu lugar nas primeiras filas...

GEORGINA CORDEIRO

ALVARO Benamor fêz-me ontem esta confidência: que a gentil actriz Georgina Cordeiro colecciona garrafas de capilé... Tem trinta e tantas variedades.

D. Jorge Colaço... de Aguilar

Chegou a D. Jorge um pagem,
Burzeguim de veludilho
Doirado, negro o justilho
Com golpes de carmezim.
E disse com nobre vénia:
— Boas tardes, senhoria!
— Deus vo-las dê. Quem buscais?
— Ao mui D. Jorge Colaço.
— Eu sou D. Jorge. Que mais?
— Ides ver a fantasia
Louca. — E com vagar e geito
Curvou-se e tirou do peito
Um papel que dizia:
«Saúde e venturas mil
A D. Jorge, o façanhudo,
Com sombreiro de veludo
E alma de eterno abril!
El-Rei, nosso senhor,
Resolveu — era fatal! —
Ter no Palácio Real
Os homens de alto valor
(Em retrato, bem de ver...
Que é menor o desacato)
E nestes termos, D. Jorge,
Fazei da pêra um pincel
E pintai vosso retrato
De bela farda bordada
De lindo chapéu listrado
De meigo riso de fada
Por entre o buço eriçado.
E vos lembro, nobre amigo,
Confidência pura e franca,
Que ao lado da pêra negra
Retratai a D. Branca.
Cá esperamos a maravilha
Entre anseios loucos, vivos,
Alcaide d'El-Rei Naldo,
Imperador dos Primitivos.»

(Excerto do poema inédito «D. Jorge Colaço d'Aguilar», de Tomaz Ribeiro, sogro do protagonista)

JÚLIO CÉSAR

MUITAS vezes, diante de Júlio César se vangloriava um cavaleiro, mostrando uma ferida na bôca, recebida ao bater-se por êle e contando vaidosamente inúmeras façanhas.

César aconselhou-lhe:

— Quando fugires nunca mais voltes a cabeça para trás!

VELHOS

QUANDO chegou a Veneza a armada de socorro enviada por D. Manuel contra os turcos, muita gente se admirou que o capitão-mor, D. João de Meneses, fôsse tão novo.

— É que os portugueses não têm tempo de chegar a velhos! — explicou êle.

MÁ-LÍNGUA

UMa senhora consultou, há tempos, o dr. Evaristo Franco, ilustre especialista de doenças do estômago.

— V. Ex.ª de que se queixa?

— Suponho que é de estômago. Sinto a língua muito áspera.

O clínico examina:

— Sim. Talvez...

— E que me receita, doutor, para esta má-língua, digamos assim?

Logo o dr. Evaristo Franco:

— Repouso, minha senhora...

AS VARINAS

AS varinas, com a sua figura airosa, fizeram sempre admiradores entusiastas. Contava Pinto de Carvalho que D. Aniceto Mascaró, oftalmologista espanhol que viera estabelecer-se em Lisboa, por volta de 1874, dava a vida por elas. Por isso nesse tempo era corrente dizer isto que irritava as famosas raparigas:

— Ó menina, mostre o ôlho ao Mascaró!

CRIANÇAS

OS pais são naturalmente vaidosos dos filhos. O conhecido poeta Silva Bastos contou-nos, há dias, êste episódio curioso. Certo pai gabava-se a um amigo da esperteza e da precocidade dum filho de ano e meio.

— Tu não imaginas. Diz tudo, sabe tudo, explica tudo... Queres ver?

E chamou o petiz. Preguntou-lhe o nome. A criança respondeu:

— Popi Pipó.

— Que clareza, hein! Isto com um ano e meio!

— É verdade! — diz o amigo. — O que eu não sei é o que êle disse...

— Não percebeste? Popi Pipó quere dizer Paulino da Silva Lopes... Que inteligência a desta criança, não achas?

MUDANÇAS

JOÃO Corrêa de Oliveira mudou recentemente de casa. Trocou o bairro da Estrêla pelo bairro de Campolide: mora agora ao fim da Rua das Amoreiras. E como quer que tivesse aparecido uma tarde destas na *Brasileira* com um opulento casacão de inverno, um dos seus amigos exclamou:

— O Corrêa de Oliveira não se limitou a mudar de casa: mudou também de estação!

PARLAMENTARES

LUIZ XVIII lia a Talleyrand a carta constitucional francesa.

— Senhor, eu noto uma lacuna — disse o ministro, em determinado altura.

— Qual é?

— O não se conceder um subsídio aos membros da Câmara dos Deputados.

— Entendo que essas funções devem ser gratuitas — exclamou o Rei — para que se tornem ainda mais honrosas.

— Receio, porém — comentou Talleyrand — que êsse sistema fique mais caro ao país!

Figuras da Vida MUNDIAL

O GENERAL ERIK TOJO, figura em evidência nos altos comandos do exército nipónico, que sucedeu ao Príncipe Konoye na chefia do govêrno e preparou a nação para a guerra no Pacífico. (Caricatura de Cândido C. Pinto).

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo IV - Intermédio nórdico

2

TRÊS MESES DE HOSTILIDADES

SOB o ponto de vista militar a guerra da Finlândia arrastou-se ao longo de três meses. Neste período podem considerar-se duas fases distintas. A primeira, que abrangeu os meses de Dezembro de 1939 e Janeiro de 1940, marcou uma resistência tenaz e proveitosa das tropas finlandesas que nas várias frentes de combate criadas resistiu, com êxito, a tôdas as investidas do inimigo. A segunda, compreendendo o mês de Fevereiro de 1940, marcou um declínio acentuado daquela resistência e, por fim, a derrota.

Do lado russo foram empregados na luta efectivos numerosos e um material abundante. Aqueles atingiram a cifra de algumas centenas de milhares de homens (segundo os cálculos mais dignos de crédito êsses efectivos oscilaram entre um mínimo de trezentos mil e um máximo de quinhentos mil homens consoante as fases das operações). Os exércitos soviéticos puseram em linha algumas centenas de carros de combate e de aviões, cabendo à arma aérea, dadas as características da luta, o papel principal para a decisão da contenda.

Do lado finlandês os efectivos, embora menos numerosos, eram, apesar disso, importantes. Como no país se procedera, com antecipação, à mobilização geral, a Finlândia pôde utilizar também os serviços de algumas centenas de milhares de soldados, incluindo tropas de especialistas para operarem em determinados sectores do teatro da luta. Como utilizou, no principal dêsses sectores, a península da Carélia, uma tática estritamente defensiva, a coberto da linha fortificada Mannerheim, não precisou utilizar carros de combate em escala apreciável. A sua aviação, que era diminuta no começo da campanha (cêrca de trezentos aparelhos), foi acrescentada no decurso da luta pelo envio de aparelhos italianos, inglêses e norte-americanos com as respectivas tripulações.

Os russos eram superiormente comandados pelo general Meretzkov, obedecendo às directivas do comissário do povo para a guerra, Vorochilov. Na sua parte final a campanha foi dirigida pelo general Timochenko. Os finlandeses eram comandados pelo marechal Mannerheim e pelo general Vallenius.

COMO SE INICIARAM AS OPERAÇÕES

No dia 30 de Novembro, as operações iniciaram-se por uma série de bombardeamentos aéreos que atingiram particularmente algumas das principais cidades finlandesas. Viborg, Hangoe, Kotka, Kemijaervi e Petsamo. Ao longo da fronteira russo-finlandesa, que tinha uma extensão total de 1.600 quilómetros entre o Oceano Ártico e o golfo da Finlândia, os russos começaram o ataque, ocupando a península dos Pescadores. A resistência inicial estava confiada aos guardas florestais finlandeses, que actuavam com um conhecimento perfeito do terreno e das suas dificuldades.

A frente de batalha apareceu, desde o primeiro momento, repartida por três sectores principais, onde o número de efectivos, a qualidade de material e a tática a empregar teriam de ser diferentes. No extremo norte, já em pleno círculo polar, com o fulcro das operações em Petsamo, a guerra tinha de ser feita por indivíduos habituados a suportar temperaturas baixíssimas e a manobrar com «skis» e com armas apropriadas. No centro, o sector mais extenso e mais tranqüilo, abrangendo a totalidade da fronteira comum orientada no sentido norte-sul, os adversários tinham de considerar as dificuldades do terreno semeado de florestas e de lagos e onde, portanto, estava contra-indicado o emprêgo de massas de carros. Na extremidade sul, o istmo da Carélia, onde a sorte da guerra se devia decidir, russos e finlandeses estavam em condições de empenhar contingentes avultados e material em quantidades apreciáveis. Era ali o ponto nevrálgico da batalha, aquele em que os dois adversários fizeram incidir os seus maiores esforços.

Não era apenas a proximidade de grandes centros de população que explicava êsse carácter geral da luta. Os dirigentes soviéticos argumentavam com a necessidade de assegurar a defesa de Leninegrado e da sua fresta, como lhe chamara Pedro o Grande para definir a região marítima servida pelo pôrto militar de Cronstadt, justificando assim a sua atitude. Era natural que procurassem cobrir essa região, particularmente vulnerável, o mais depressa possível.

A RESISTÊNCIA FINLANDESA

A resistência finlandesa marcou êxitos apreciáveis durante a primeira semana de Dezembro. No sector norte, os russos não conseguiram alcançar completamente os seus objectivos, embora realizassem um desembarque bem sucedido em Petsamo; nas margens do lago Ladoga a sua progressão foi insignificante; no sul os finlandeses retiraram, em ordem, colocando-se ao abrigo da linha Mannerheim recemconstruída.

A segunda semana de hostilidades iniciou-se com uma vitória russa, a ocupação de Suomosalmi, e com um avanço nítido no sector central, especialmente na região de Salla, onde, a-pesar-das dificuldades do terreno, penetraram em território finlandês numa profundidade de 50 a 70 quilómetros. No dia 13, porém, os finlandeses derrotaram três batalhões soviéticos na região do lago Tolvajaevi, fazendo algumas centenas de prisioneiros e apoderando-se de material de guerra. As condições de reabastecimento dos dois adversários precisaram-se, sendo, à medida que o seu avanço se acentuava, mais difíceis para os russos do que para os finlandeses.

A terceira e a quarta semanas de Dezembro mar-

AS GUERRAS DA RÚSSIA COM OS PAÍSES VIZINHOS:

- **1632** — A Rússia invade a Polónia.
- **1652** — A Rússia toma Smolensko.
- **1700** — A Rússia invade a Suécia.
- **1714** — A Rússia conquista a Finlândia.
- **1741** — A Rússia combate com a Suécia.
- **1772** — A Rússia faz a partilha da Polónia.
- **1793** — Nova partilha do território polaco.
- **1795** — Desaparição do estado polaco.
- **1832** — A Rússia combate uma insurreição na Polónia.
- **1916** — A Polónia proclama a independência.
- **1917** — A Finlândia proclama a independência.
- **1939** — A Rússia e a Alemanha fazem a partilha da Polónia; a Rússia domina a Estónia, a Letónia e a Lituânia.
- **1939** — A Rússia ataca a Finlândia.

caram uma flutuação sensível na sorte dos combates. Enquanto ao norte os russos, conseguindo desembarcar bastante material em Petsamo, fizeram progressos evidentes, na península da Carélia a linha defensiva finlandesa revelou a sua solidez detendo os ataques soviéticos, dois dos quais, lançados com alguns centos de carros no curso do rio Taipale, se malograram.

Durante todo o mês de Janeiro, os russos concentraram quási exclusivamente a sua acção contra as defesas fortificadas de linha Mannerheim. Os ataques de artilharia e de carros sucederam-se sem resultados apreciáveis. Um consumo de munições em escala até aí nunca observada, nem mesmo na campanha da Polónia, não levou de vencida as barragens finlandesas. A artilharia foi impotente para abrir caminho à infantaria soviética. Sempre que esta se aventurava em assaltos frontais era dizimada pelo fogo mortífero das metralhadoras finlandesas. Esta fase da luta caracterizou-se ainda pela acção constante da aviação russa contra as cidades finlandesas.

O REVERSO DA MEDALHA

Com o mês de Fevereiro modificou-se a condução da batalha, que se acentuou no centro da linha Mannerheim e nas duas alas do dispositivo de defesa finlandês. Os russos concentraram uma importante massa de tropas, cêrca de trezentos mil homens, artilharia pesada, centenas de aviões e de carros pesados. Pela primeira vez fizeram a sua aparição os carros russos de setenta toneladas, os paraquedistas russos, os trenós blindados para transporte de infantaria. Sob a pressão russa, e a-pesar-das suas reacções locais, os finlandeses iniciaram, a 16 daquele mês, um movimento de retirada para se fixarem em novas posições, de Summa ao lago Viskvi, numa frente com a extensão de 45 quilómetros e 6 quilómetros de profundidade.

Com a cooperação duma importante massa de aviação, cêrca de seiscentos aparelhos, os russos obrigaram os finlandeses a abandonar ràpidamente as novas posições em que tentavam fixar-se. Os êxitos conseguidos pelas tropas do marechal Mannerheim em outros sectores não bastavam para compensar o desastre sofrido na frente da Carélia.

A segunda quinzena de Fevereiro foi assinalada por novos recuos dos finlandeses no sector principal da luta. Como acontecera com a segunda linha de posições defensivas, a terceira e a quarta, estabelecida já com probabilidades mínimas, entre Sakkajaervi e o Vuoksi. Ao mesmo tempo as perdas em homens e em material, especialmente as primeiras, tornaram-se insuportáveis para os soldados da Finlândia. O número de mortos elevou-se ràpidamente a trinta mil, não sendo menor o número de feridos de certa gravidade. Em cêrca de quátro semanas a ofensiva russa consumira vinte por cento dos efectivos finlandeses empenhados na defesa do seu território. A situação durante os primeiros dias de Março tornou-se insustentável. A derrota militar no istmo da Carélia, quaisquer que fôssem os resultados episódicos conseguidos ao norte e a leste, decidia da sorte da campanha. Para os dirigentes políticos, como para os chefes militares de Helsínquia, tornou-se evidente que era preciso negociar com o vencedor e aceitar as condições que êste punha para fazer a paz.

A U. R. S. S. EXPULSA DE GENEBRA

De 9 e 15 de Dezembro de 1939, o organismo de Genebra, no qual se encontravam associadas a U. R. S. S. e a Finlândia, ocupou-se, a pedido dêste último país, das hostilidades que se haviam iniciado no norte da Europa. O govêrno finlandês invocou o artigo 11.º do pacto societário, nos termos do qual pediu a convocação imediata do Conselho Genebrino. O artigo 11.º do pacto dizia taxativamente: «Tôda a guerra ou ameaça de guerra que afecte, directamente ou não, um dos membros da Sociedade, interessa tôda a Sociedade e esta deve tomar as medidas necessárias para salvaguardar, eficazmente, a paz entre as nações». O Conselho reüniu-se, pela primeira vez, para se ocupar do diferendo entre a Finlândia e a U. R. S. S., em 9 de Dezembro. Reünião formal, que serviu apenas para tomar conhecimento do pedido de Helsínquia e para fixar os métodos a seguir na sua discussão. Dois dias depois reüniu-se a Assembleia, sob a presidência do delegado norueguês, Hambro. O representante da Finlândia, Holsti, limitou-se a pedir que a S. D. N. cumprisse o seu dever. A Assembleia delegou numa comissão de treze membros (catorze incluindo a Polónia) o estudo da questão. O delegado da Suécia, Muden, propôs que se dirigisse um último apêlo ao govêrno do sovietes, pedindo-lhe para terminar as hostilidades e dando-lhe um prazo de vinte e quatro horas para responder a êsse pedido. A resposta foi recebida no prazo fixado. Um telegrama do comissário do povo para os negócios estrangeiros, Molotov, declinava o convite feito ao govêrno soviético para se associar aos trabalhos da Assembleia e reiterava os argumentos justificativos da sua acção, já pormenorizadamente expostos numa comunicação enviada de Moscovo ao secretário geral da S. D. N., Avenol. A comissão dos treze, cuja presidência foi confiada ao delegado português, dr. Caeiro da Mata, elaborou o seu relatório que concluia por afirmar que a U. R. S. S. violara os compromissos assumidos em relação à Sociedade das Nações e à Finlândia. No dia 14, a Assembleia votou o relatório da comissão por 31 votos (havendo nove abstenções, entre as quais as dos Estados nórdicos) e considerou que a Rússia, pela sua atitude, se excluíra do organismo genebrino.

O Presidente Kallio, da Finlândia

O GOVÊRNO DE KUNSINEN

Sob o ponto de vista da política interna finlandesa, o conflito armado com os sovietes foi o pretexto para algumas transformações que, na altura, se revestiram de certo interêsse. Desde a primeira hora, o govêrno de Helsínquia teve a preocupação de realizar uma unidade nacional perfeita. Com êsse objectivo o presidente da República, Kyostio Kallio, delegou a maior parte dos seus poderes no marechal Mannerheim e reintegrou nas fileiras do exército o general Vallenius, que delas se encontrava afastado em conseqüência da sua participação activa no movimento sedicioso da Laguna. Por outro lado as organizações sindicais resolveram dar um apoio firme ao govêrno, o mesmo fazendo o partido socialista. «Os socialistas finlandeses — escreveu no dia em que se iniciaram as hostilidades o órgão da social-democracia finlandesa — defenderão, com as armas, o solo cultivado pelos seus antepassados. Recusam-se a submeter-se sem resistir. Cumprirão, até ao fim, o seu dever para salvaguardarem o património cultural de que se consideram depositários».

Os comunistas finlandeses e um grupo numeroso de emigrados que se tinham refugiado em território russo depois da guerra da independência de 1920, estabeleceram, porém, numa localidade fronteiriça, ocupada pelas tropas russas ràpidamente, um govêrno que foi reconhecido pela U. R. S. S. Êsse govêrno era presidido por Otto Kunsinen, um refugiado finlandês que fazia parte do secretariado permanente da Central Comunista (Komintern). Kunsinen foi proclamado chefe do govêno democrático da Finlândia e o seu primeiro acto consistiu em assinar com o govêrno soviético um pacto de assistência mútua. Nessa tarefa foi auxiliado por um outro emigrado de nome Rosenberg, que se especializara, durante o período da emigração, no estudo dos problemas da política externa. Além daquele acto inicial, o govêrno de Kunsinen não chegou a desempenhar qualquer outra tarefa de importância, limitando-se a uma propaganda intensa dos pontos de vista soviéticos nos meios finlandeses, especialmente entre o proletariado, a qual não conduziu a qualquer resultado apreciável.

O TRATADO DE MOSCOVO

Em 12 de Março, foi assinado em Moscovo o tratado que restabelecia a paz entre a Finlândia e a U. R. S. S. Continha nove artigos e um protocolo adicional. Os seus signatários foram, do lado russo, os srs. Molotov, Idanov e Vassilevski, e do lado finlandês, os srs. Risto Ryti, Paasikivi, Volden, Vjaihe e Vojonmaa, membros da delegação que havia sido enviada à capital soviética. O tratado continha diversas cláusulas territoriais, militares e económicas e o condicionalismo por êle criado excedia em muito as reivindicações inicialmente formuladas pelos sovietes.

No território russo ficaram incorporadas as seguintes regiões que, até aquela altura, tinham estado incorporadas na Finlândia: todo o istmo da Carélia, incluindo a cidade de Viborg, o golfo de Viborg e as ilhas nêle existentes; as margens ocidental e setentrional do Lago Ladoga, com as cidades de Kexholm e Sortavala, algumas ilhas do golfo da Finlândia, o território situado a leste de Merkjaervi com a cidade de Kuolajaervi, uma parte da península dos Pescadores (Rybatchi) e da península de Sredni. Estas zonas geográficas valiam mais pela sua posição estratégica do que pela sua superfície.

A Finlândia alugava à U. R. S. S. a península de Hangoe, que domina o golfo da Finlândia. A cedência era feita a título de arrendamento, por um prazo máximo de trinta anos, sendo o preço anual do aluguer de oito milhões de marcos finlandeses. Com a península era alugado, em condições idênticas, o território circunjacente, numa extensão de algumas milhas. O govêrno finlandês comprometia-se a retirar, ao fim de dez dias, tôdas as tropas que tinha concentrado naqueles locais. Todos os barcos finlandeses que navegavam nas águas do Oceano Ártico deviam ser imediatamente desarmados.

O tratado estabelecia o direito de passagem livre para os naturais da U. R. S. S. que se dirigissem para a Noruega através do território finlandês. Estabelecia-se, assim, na região de Petsamo um corredor onde eram assegurados para os russos em trânsito direito de extraterritorialidade e isenções aduaneiras. O govêrno finlandês concedia igualmente liberdade de trânsito para as mercadorias enviadas da U. R. S. S. para a Suécia e comprometia-se a anumentar a sua rêde ferroviária para facilitar êsse trânsito. As relações comerciais entre as partes signatárias deviam ser imediatamente restabelecidas.

AS POSIÇÕES DE PEDRO O GRANDE

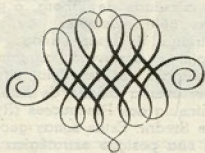
Pelo tratado de Moscovo a Rússia voltou a ocupar as posições que Pedro o Grande conquistara na Europa setentrional e que os seus sucessores deixaram perder. Por Hangoe, na vizinhança das ilhas Aaland e de Estocolmo, e pelas bases de que se apoderara com o tratado russo-estoniano, assumiu uma posição predominante no golfo da Finlândia, que voltou a ser um lago ao seu serviço. No Ártico, embora tivesse evacuado Petsamo, deixou êste pôrto de importância capital ao alcance dos seus canhões. Ficou com a Carélia e uma faixa de 20 quilómetros de largura ao longo do Lago Ladoga, assegurando-se a principal via de acesso à Finlândia. Os restantes territórios que anexou aproximaram-na do golfo de Botnia e por conseqüência dos países escandinavos.

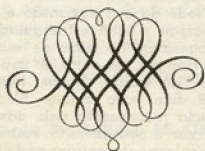
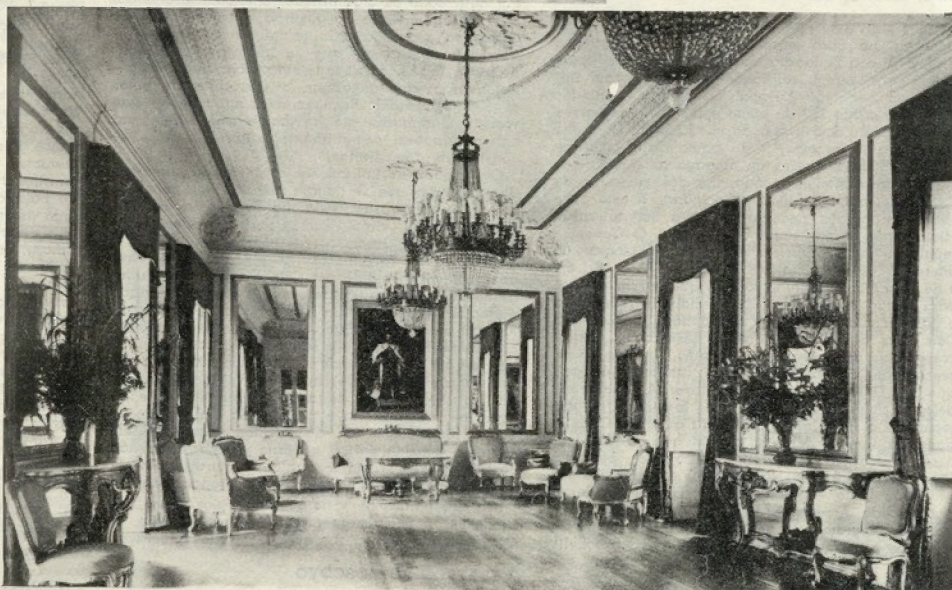
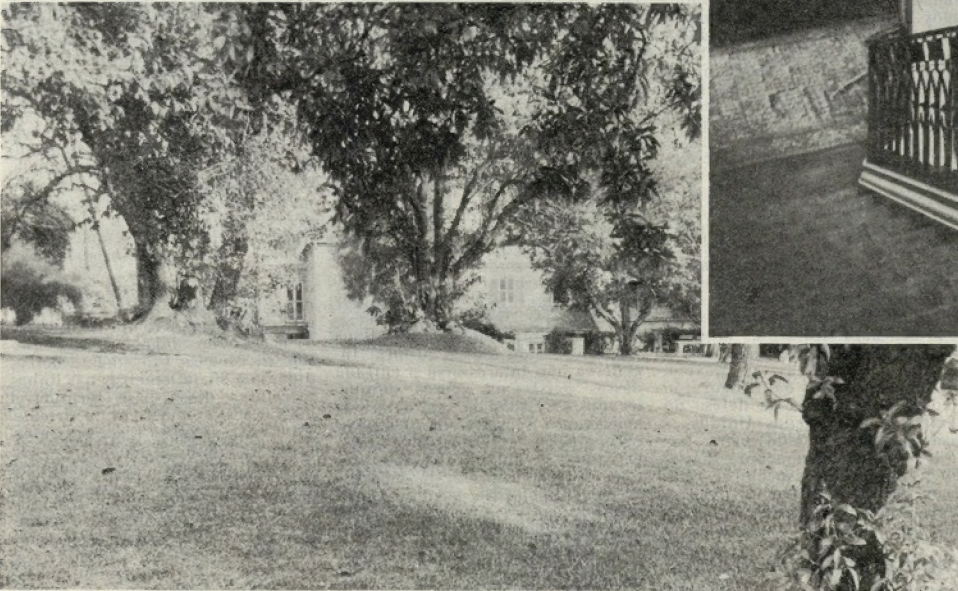
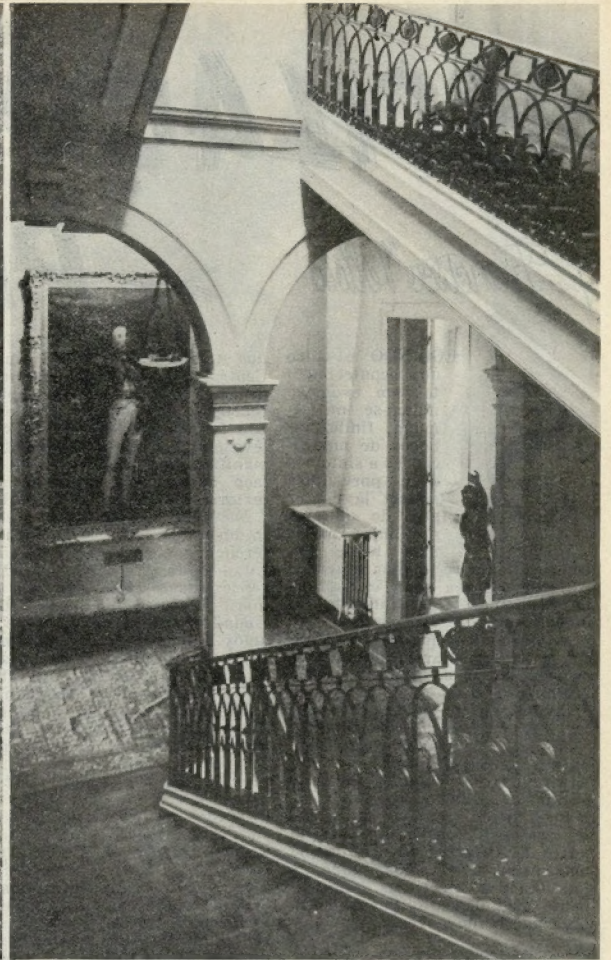
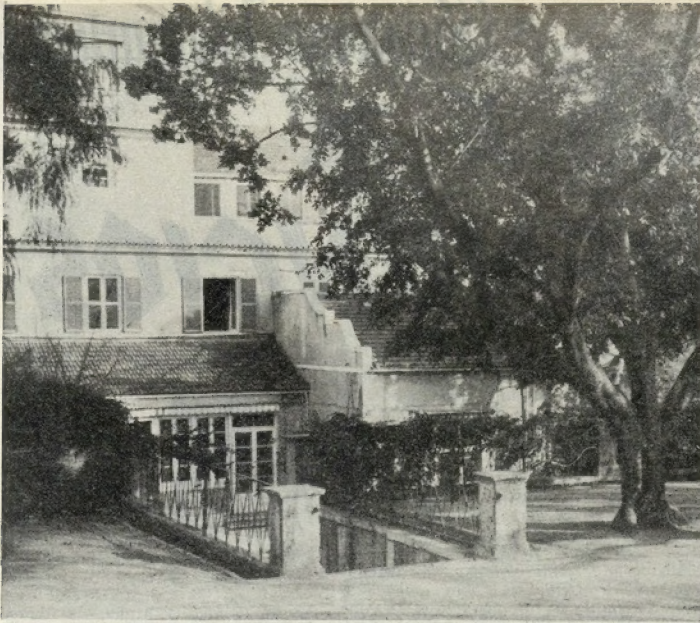
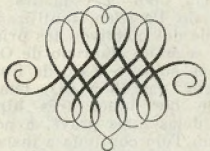
O direito de trânsito, consignado no tratado, através do corredor de Petsamo, traduzia pràticamente o propósito firme de romper um caminho em direcção ao Atlântico e aos seus portos setentrionais.

A Finlândia ficou desmantelada politicamente, arrasada sob o ponto de vista económico e militarmente enfraquecida. Estas circunstâncias haviam de desempenhar um papel preponderante na vida da nação finlandesa durante os tempos mais próximos. Perdeu as suas posições estratégicas fundamentais, viu ameaçadas as suas comunicações marítimas e, sob hipótese, as terrestres. A capital do país, centro e sede da sua expansão e da sua vida de relação, passou a estar estrangulada entre dois centros que passaram às mãos de estranhos: Viborg, dum lado, Hangoe, do outro. A impossibilidade de construir, de futuro, linhas fortificadas colocou-a à mercê dum novo ataque. Conservou, com a independência reconhecida pelo adversário, o direito de conservar o seu exército, embora êste tivesse ficado particularmente enfraquecido com as perdas graves que suportou durante a campanha.

A Finlândia só poderia continuar, com êxito, a sua resistência se contasse com o auxílio estrangeiro. Êsse auxílio, se tivesse chegado, transformaria aquela zona do continente europeu num teatro de operações em que se degladiariam os interêsses das grandes potências em conflito. Como êsse auxílio não chegou, a guerra russo-finlandesa foi, além duma cortina de fumo, a pedra de toque da capacidade ofensiva e dos recursos imediatos dos principais beligerantes.

(Continua)

Diplomatas estrangeiros em Portugal

A embaixada britanica em Lisboa

PUBLICÁMOS EM NÚMEROS ANTERIORES reportagens fotográficas da Embaixada de Espanha e da Legação da França em Lisboa. Dedicamos hoje estas duas páginas às instalações da Embaixada da Inglaterra. Em cima, Sir Ronald Campbell, embaixador de Sua Majestade Britânica, no seu gabinete de trabalho. À esquerda, um aspecto da pequena sala de visitas.

À DIREITA: A grande sala de baile, decorada com sobriedade e bom gôsto, onde se efectuam as festas e recepções.

EM CIMA: Dois aspectos dos belos jardins da Embaixada e um ângulo da escadaria principal, onde se admiram algumas obras de arte notáveis. À DIREITA: A sala de visitas, outra magnífica dependência da Embaixada.

Panorama Internacional

OSCILAÇÕES E PRENÚNCIOS

por Francisco Velloso

SEGUINDO o sulco dos acontecimentos em evolução notam-se na semana finda esboços de modificações e sintomas que porventura podem já conter algo do que em próximos meses nêle há-de entroncar, folhar e ganhar braçadas e fronde para a situação política internacional. As conturbadoras indecisões que se seguiram ao assalto nipónico, que interrogativamente se formularam durante os primeiros dias da Conferência de Washington após a assinatura do Pacto das Vinte e Seis Nações, que na Alemanha rodearam o facto culminante da demissão do Feld-Marechal Von Brauchistch e da substituïção de comandos generais diante do inimigo russo, — sucedem-se outros acontecimentos, uns de carácter político-diplomático, outros de carácter militar, que já apagam certos ângulos agudos e determinadas incertezas anteriormente acumuladas na imensa carta desta guerra de povos.

SOB O CRUZEIRO DO SUL

SUMNER WELLES

Inaugurou-se a 15 do corrente, na capital brasileira, a conferência das nações americanas. É por excelência e justiça o facto político predominante. Assistiram os Ministros dos Negócios Estrangeiros da Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Costa Rica, S. Domingos, Equador, Haiti, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Perú, Uruguai e Venezuela. Hull, secretário de Estado americano dos negócios estrangeiros foi representado por Sumner Welles. Os ministros dos negócios estrangeiros da Colombia, da Guatemala, das Honduras e de S. Salvador enviaram delegados especiais. Já isto dá visão do volume excepcional da conferência.

Se, porém, baixarmos ao exame das informações relativas à sua finalidade, não encontramos menos motivos para reconhecer o alto interêsse dêste conclave. Sòmente é preciso não sair do campo objectivo para a tendenciosa ladeira de certas agências que pretendem remexer, em aproveito alheio, a intrigalhada costumeira que referve em tôrno de conclaves internacionais desta espécie.

Lembremo-nos em primeiro lugar dos antecedentes. À medida que a posição da neutralidade norte-americana se destingiu para tomar côr de hostilidade à Alemanha, a proposição posta e advogada em Washington de uma solidariedade na defesa do chamado hemisfério ocidental, subiu de tom. O Brasil deu-lhe, como vimos, pronta adesão, ao tempo que outros Estados sul-americanos ou da América Central alinhavam pelo meridiano da Casa Branca contra o Japão. A recepção de Summer Welles no Rio foi um acto de carinhoso relêvo político, sem precedentes, que significa bem quão estreito é o laço das relações entre as duas maiores repúblicas da América.

Nesse bloco notava-se, no entanto, um timbre que ao abrir da conferência dissentia da harmonia geral: — o da Argentina. O seu alto representante, Ruiz Guinazu, afirmara recentemente que «a solidariedade americana não implica actos automáticos e ainda menos deve confundir-se com alianças militares». As nações que lá declararam guerra, quer à Alemanha e à Itália, quer ao Japão, marchavam noutra direcção. Assim o chanceler uruguaiano, Guani, afirmou que o seu país participaria em tôdas as medidas para a defesa do continente. «Regressaremos — disse — trazendo em nossa mente como em nossas acções, os pactos do Panamá e de Havana. A cláusula 15.ª do Pacto de Havana mostra à evidência que a agressão japonesa é dirigida contra todos os países da América. Em vista disso, a conferência do Rio de Janeiro apenas pode ser para decidir as medidas a tomar para uma reacção comum de tôda a América». O México, criada nas vésperas da inauguração a comissão conjunta de defesa do México e dos Estados Unidos, e para isso estabelecido pacto entre o presidente Camacho e Roosevelt a fim-de uma espécie de recíproca serventia militar aos respectivos exércitos, marcava na dianteira dos países mais animosos.

CORRENTES DE OPINIÃO

OSWALDO ARANHA

Assim abriu a conferência.

Resta ver qual o terreno em que pode realizar-se a unanimidade americana. Porque o que no fundo está em causa é a doutrina de Monroe: — *a América para os americanos*, — à qual a evolução desta como da outra guerra tiraram e tiram o significado estrito de a América não poder sair da América, pois que, para além e acima dos seus próprios interêsses continentais de solidariedade *dentro de casa*, vem agora arvorar-se na conferência a ideologia da defesa da liberdade, invocada pelos Estados Unidos, tão querida daqueles povos novos e livres. A interpretação estrita daquela divisa pan americana conduzia a uma neutralidade que, como se vê, já não pode aglomerar tôdas as nações americanas, visto que algumas, e não poucas já estão em guerra ao *Eixo*. O segundo poderá arrastar um bloco total americano à solidariedade armada com os Estados Unidos. O que fica entre êstes extremos?...

Vejamos a atitude alemã. Ei-la no órgão oficial do partido nazi: «Tôda a Europa e o Japão são importantes compradores de mercadorias sul-americanas, mas se êstes países se pronunciarem contra as nações do *Eixo*, na conferência pan-americana, podem ter a certeza de que os territórios da Nova Europa e o Japão passariam perfeitamente sem importar trigo, cereais, carnes, cafés e os restantes produtos que as nações do Novo Mundo produzem em grande abundância. Não fazemos esta afirmação como ameaça às repúblicas independentes da América do Sul, mas apenas como aviso, para que, depois, não se admirem das medidas de represália que o *Eixo* adoptar». Bem que tal não se diga, a ameaça é assás transparente. O valioso Serviço Político alemão de informações, dá-nos, porém, um outro critério mais diplomático e contornado desta atitude do *Eixo*. Assim, «não só a Alemanha como a Itália têm afirmado repetidas vezes considerar desejável que os Estados íbero-americanos conservem a sua neutralidade, mas em Berlim e Roma há a opinião de que só assim aquêles países poderão servir os seus interêsses da melhor maneira.» O Japão — continua — já declarou que não tem objectivos na América do Sul. A própria Inglaterra não interessaria a entrada dêsses países na guerra porque, levados os riscos da luta às costas americanas, seria criada uma nova preocupação à sua frota e posto em risco o movimento das suas importações oriundas da América do Sul. Finalmente, acentua-se que as Américas devem ficar intactas para a reconstrução futura da Europa e que... a culpada desta conferência é a ambição imperialista dos Estados Unidos. Há visivelmente mais manobra nesta alegação do que naquela — conquanto a mesma ameaça já não apareça em crú.

As primeiras notícias, reportadas a declarações de Oswaldo Aranha, que é, ao lado de Welles, figura central na conferência, não excluiriam uma declaração de guerra às potências totalitárias como objecto das deliberações. Welles, por sua vez, pôs como condição essencial para uma acção conjugada no campo internacional «a união das repúblicas americanas», da qual fàcilmente se chegará àquela. Os ajustes para o auxílio económico, a estabilidade política das democracias norte-americanas, a resolução de defesa em presença de um ataque, a fiscalização das actividades estrangeiras do *Eixo*, e, no máximo, uma *não-beligerância activa* (expressão nova que agora surdiu) a qual iria até ao corte de relações diplomáticas — eis os tópicos presumíveis dos trabalhos. Aguardemo-los nesta previsão geral. A conferência não terminará antes de 26, com tempo bastante para integrar nela a fieldade americana da atitude argentina e da solução de um conflito que borbota na ilharga das soluções a adoptar: — o do Perú e do Equador.

O DERRAME JAPONÊS

MAC ARTUR

Na órbita dêste acontecimento, regiram, pelos anéis do mesmo torvelinho de fogo e de sangue, a batalha do Pacífico e a batalha da Rússia.

A primeira ofereceu-nos durante a oitava três novos factos. O nipão, assaltado Bornéo à cata de petróleo, no território inglês de Sarawak, onde os jazigos foram inutilizados pelos inglêses para meses seguidos, e assaltada a baía de Davau na ilha ao extremo sul do arquipélago felipino, meteram pelo Mar de Celebes a sul dêste último, e, por sua vez, assaltaram esta grande ilha tomando bases em Manado e Kolodonale, donde bombardeiam a parte holandesa de Bornéo e tentam irrupções aéreas para o norte da Austrália por cima do qual já apareceram. Entretanto insistem, sem êxito visível, contra o heroísmo das tropas de Mac Artur que ainda defendem a principal das Felipinas e avançam irrompentes contra os acessos de Singapura na península de Malaca, bravamente defendida, já a 90 quilómetros das linhas exteriores dessa base formidável para o acesso marítimo do Oriente. Uma vista de olhos a uma carta revela, com efeito, os japoneses,—não guiados para uma ocupação progressiva e total das ilhas do sudoeste do Pacífico, como a princípio parecera seu intento (e porventura o fôra), mas que êles hoje sabem assás difícil diante de um adversário que se recompora, — senao com o objectivo de ganhar pontos de apoio fortificados em posições dominantes. Assim fogem do maior risco duma dispersão, embora já não possam livrar-se dela, e, como aqui observámos desde início, é êsse o seu calcanhar de Aquiles.

De facto, o Japão (embora livre dos imediatos obstáculos que lhe poderia opôr a esquadra americana do Pacífico, inutilizada por metade dos efectivos nos primeiros dias, segundo Maurício de Oliveira revelou sôbre o texto de Knox, na *Revista de Marinha)* tem hoje diante dos olhos três hipóteses qual delas mais grave, e por isto mesmo Tojo continua a instar contra os optimismos. A primeira é a de ter de poupar *ao máximo* a esquadra para se defrontar contra outra ou outras maiores que, com tempo ao tempo, lhe ameaçarão os portos e os combóios que terão de alimentar as suas distantes conquistas no sul. A segunda é a de se defrontar contra a poderosíssima reconcentração do exército chinês de Chan-Kai-Chek que veio inflingir lhe magna derrota em Chan-Xá sob o comando de Hshue-Yueth, até aos subúrbios de Cantão, o qual se acumula apetrechadíssimo e cheio de ardor nas fron-

(Continua na pág. 6)

ESTAS SÃO AS PRIMEIRAS FOTOGRAFIAS CHEGADAS À EUROPA das conferências que Churchill foi ter com Roosevelt em Washington. Transmitidas da América por belinograma, mostram-nos os dois chefes dos povos anglo-saxónicos na Casa Branca. Na foto em cima, Churchill apresenta-se ainda com o fato de viagem.

A PRIMEIRA CONFERÊNCIA DE CHURCHILL E ROOSEVELT com os representantes da Imprensa. O Primeiro Ministro inglês faz as suas declarações a mais de duas dezenas de jornalistas enviados de todos os jornais e agências telegráficas estabelecidas na América do Norte. A seu lado, o Presidente dos Estados Unidos sorri.

O silêncio e o ódio

Um conto de Luiz Forjaz Trigueiros

STAVAM ao lado um do outro, silenciosos, evitando olhar-se — mas os olhos encontravam-se longe, no mesmo ponto anónimo e distante que servia de horizonte a ambos. A ambos — que fugiam doutro qualquer horizonte.

Estavam silenciosos — mas tudo falava, afinal, nêsse silêncio aparente. De-certo àquela hora discreta da tarde, tudo era silêncio em tôrno dêles. Mas um silêncio falso, convencionado, que se desmascarava no agitar tranqüilo das ramagens das árvores, no grito distante duma ave, na própria calma soalhenta daquela tarde de inverno. E até o sol fugia devagar, timidamente, para não quebrar o tal silêncio que tudo se apostava em manter. Silêncio nas coisas e no espaço, silêncio no arrastar magoado duma canção que dois cegos choravam lá em baixo, junto à estrada. O Homem e a Mulher estavam sentados num tôsco banco de pedra, havia talvez meia hora, havia talvez muitos anos. Nenhum dos dois sabia há quanto tempo durava aquêle grande silêncio. Era como se tivessem estado sempre sentados naquêle mesmo banco, calados e sem coragem para se fitarem um ao outro, a ouvirem, na calma do entardecer, as notas, desafinadas, dos cegos que passavam lá em baixo, não sabiam se muito perto ou muito longe.

O Homem acendeu um cigarro e — num gesto que só não era indiferente porque não há gestos indiferentes — ofereceu outro cigarro à companheira. Um momento, ao clarão breve do fósforo, as mãos de ambos aproximaram-se. Mas logo se afastaram, de-repente, como arrependidas. E tudo foi outra vez silêncio.

Agora, as árvores começavam a confundir-se umas com as outras no mistério das primeiras sombras. Era em Dezembro — mas não havia frio, nos ramos despidos e nos troncos sêcos, apenas brilhava, aqui e além uma lágrima ímpar de humidade. E as veredas junto aos canteiros descuidados daquêle parque, tinham ainda os sinais lamacentos das últimas chuvadas.

Estavam ambos calados — e só o fumo dos cigarros conversava com o silêncio de ambos. Viam-no afastar-se, diluir-se naquêle crepúsculo singular em que tudo era uma sugestão de morte, em que tudo trazia uma noção de fim. E continuavam sem se entreolharem, convencidos de que à primeira fraqueza, ao primeiro movimento que lhes fizesse verem-se mùtuamente nos olhos um do outro — tudo voltaria ao princípio, e logo se quebraria a grande lição da tarde. Da tarde que descia para não voltar outra vez. Daquêle dia já findo e que nunca mais, nunca mais, se poderia repetir.

E assim, ambos se despediam um do outro sem terem coragem de falar na própria resolução que a determinava. Um momento, os corpos aproximaram-se mais, na sombra cúmplice da tarde. Mas logo instintivamente se afastaram. E como o sol ia longe no céu, uma brisa cortante e sêca atravessou-os, de repente, num estremeção inesperado.

* * *

Odiavam-se. Um ódio mascarado de ternura, de afecto, por vezes de espiritualidade, por vezes de sensualidade — mas nunca de Amor — que é uma das máscaras do ódio. E ambos o sabiam — sem coragem para alguma vez o confessarem um ao outro. Consumira-os o mesmo fogo, as mesmas labaredas os haviam transportado e exaltado. (Ela falara-lhe um dia em «spiritual fire», citando Sinclair Lewis. Êle respondera-lhe com Mauriac: «Le fleuve de feu est au dedans de nous» — e ambos sorriram então de se encontrarem a misturar a literatura com a vida).

Mas tudo passara — como fugira aquêle dia claro de inverno, como morrera o sol daquela despedida inconfessada. Estavam reduzidos àquilo — procurarem no desenho das colinas ao redor e na música duma hora, única entre tôdas, o perfume que lhes trouxesse de repente, com o passado, o milagre de se reencontrarem. Mas a música era diferente de tôdas. E o perfume do passado não ouviu os apelos silenciosos de ambos. E o milagre não se deu. Largo tempo continuaram, sòzinhos os dois naquêle banco dum vêlho parque, face a face com um ódio que era a própria expressão do destino. Não trocavam uma palavra — e não havia necessidade de palavras. Não esboçavam um só gesto — e não havia necessidade de gestos. Tôdas as palavras tinham sido ditas no momento próprio e, como elas, não se repetem mais os gestos de que se perdeu o hábito.

De braços cruzados perante um destino irremediável, ambos tentavam quebrar o drama do seu próprio silêncio. Mas havia voluptuosidade nêsse silêncio. Saboreavam-no, sofriam-no, como se fôsse uma carícia dolorosa e bemfazeja. O silêncio era a única arma daquelas vozes que receavam ouvir-se. O único recurso.

Não o haviam dito um ao outro — mas não era preciso dizê-lo. Sabiam-no os dois: não se vivem outra vez as horas que um dia se não soube viver.

E intimamente, ambos, do fundo dêsse ódio que nunca chegara a ser amor, sabiam que tudo estava terminado, e que as palavras que porventura dissessem agora, soariam a falso, seriam erradas no tempo. Tudo estava terminado — pensavam os dois. Pensavam-no, e interiormente sorriam. Nada tinha que terminar — porque nada, afinal, começara. O fogo, enquanto não transforma em cinzas a matéria que corrompeu e consumiu. pode reacender-se de repente. E sentados naquêle banco improvisado, mudos duma voz que tinham medo de ouvir, êle e ela debatiam-se na mesma dúvida inquieta: se só havia cinzas, agora, onde as mais altas labaredas tinham subido ao céu. E nem um nem outro era capaz de responder-se.

Nada de dúvidas, porém, quanto ao ódio. O ódio era, ali, a única realidade, um ódio profundo, que vinha das entranhas e que existia em ambos, antes talvez dêles próprios existirem. Um ódio criador — porque os tinha ali, aos dois, incapazes de agirem ou de se moverem fora dêles próprios, um ódio que era fonte de vida.

Os olhos da mulher agitavam-se, de vez em quando, perdidos mais longe ainda, no horizonte sombrio, ou descendo as pálpebras num abandono, como a querer fixar na retina a marca daquêle momento decisivo. Ambos continuavam a conversar com o silêncio — e a fazerem dêsse silêncio o esteio e a razão duma fôrça em que, para além da sua fraqueza, confiavam. Mas o Homem não prestava atenção aos olhos da companheira. De tal modo se habituara a odiá-los — que já nem atendia à expressão suplicante dos seus movimentos instintivos. Seguro da sua própria vontade, deixava que o olhar da mulher desfalecesse, sòzinho, ao longo das alamedas carregadas de sombra e de saùdade. A saùdade dos momentos que não se vivem duas vezes. E o olhar da Mulher perseguia o seu olhar — na fôrça dum hábito que para todo o sempre se quebrara.

A noite desceu como em segrêdo, envolvendo-os a ambos na mesma confidência. A noite, propícia ao desabafo e ao sonho. A noite, cúmplice de tôdas as fraquezas. Mas continuavam sentados lado a lado, aparentemente como dois estranhos que se encontram por acaso num combóio, mas, em realidade, como duas almas que desde sempre houvessem viajado juntas, através do sonho, através da vida, através do ódio. Sim. Ambos tinham a percepção terrível dessa presença do ódio e nenhum ousava confessá-lo. A noite, porém, revelava-os, um ao outro, na crua nudez da sua realidade brutal. Odiavam-se. Tudo quanto fôra entusiasmo, calor, comunhão — estava ali aos pés de ambos, amarfanhado pela vida, amarrotado pela vida. O tempo passara — e o tempo não passa impunemente. E o ódio chegara, lá — onde o amor não tinha conseguido entrar.

Nêsse silêncio, em que só o ódio falava, o Homem e a Mulher tiveram, pela primeira vez, saùdades dum amor que nunca tinha chegado a acontecer. Dêsse amor a que não haviam sabido entregar a sua vida. E no drama da realidade temerosa que chegava, um e outro sabia, nas raízes da sua própria consciência que era tarde demais para chamarem o amor. A hora do ódio era mais forte que tudo. Ao percorrerem — embora no silêncio dêsse ódio — a grande estrada que lhes ficava para trás, viam, diluído e apagado no tempo, tudo quanto fôra a chama e o fogo do seu fogo. Onde o «fleuve de feu» destruíra ilusões e sonhos, tudo arrastando numa voragem mais forte que a vontade, nada ficava a salvar a certeza duma qualquer esperança. E, sentados naquêle banco dum parque abandonado, envolvidos no sortilégio medroso da noite, o Homem e a Mulher tomavam consciência da infinita fraqueza de ambos, perante as cinzas. As cinzas que acendiam, de vez em quando, clarões incendiados e vivos na agonia dum fogo que julgavam extinto.

* * *

Mais tarde, e num só impulso, os dois ergueram-se e deram alguns passos; um leve nevoeiro descia sôbre o parque, desfigurava os troncos altos das árvores. Já nem se ouvia o chilrear das aves. Para elas, era a hora dos ninhos; para tantos, a hora do regresso.

De pé, frente a frente, o Homem fitou a Mulher, num desafio. Os olhos dela responderam-lhe num lampejo de ódio e de orgulho. E nos olhos dêle, havia mais indiferença do que ódio. Uma grande dúvida nasceu então entre ambos num último desespêro. Longe, para lá do nevoeiro e das últimas árvores do Parque, adivinhavam-se as primeiras luzes da cidade. A cidade — que os chamava, para que tudo continuasse ou para que tudo morresse para sempre. A cidade, onde viviam a luta, o combate e o sacrifício, o amor e o ódio, mas onde tinha também o seu lugar — o hábito. A cidade — e os seus fantasmas. A cidade e os seus problemas, a cidade e a riqueza infinita dos seus dramas.

Não trocavam uma só palavra. Tôdas seriam inúteis, tôdas teriam demais. Até aí — e do mais fundo daquêle amor que não existira nunca — só o ódio respondera a tôdas as preguntas. O ódio e o silêncio. Chegara o momento em que os apelos mais

(Continua na pág. 16)

UMA FOTOGRAFIA HISTÓRICA: O sr. general António Oscar de Fragoso Carmona quando há 14 anos foi eleito, pela primeira vez, Presidente da República Portuguesa. — (Foto Serra Ribeiro).

O SR. MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS, com os representantes da Companhia das Águas de Lisboa e outras individualidades que assistiram à assinatura do novo contracto de abastecimento daquêle líquido à capital e arredores.

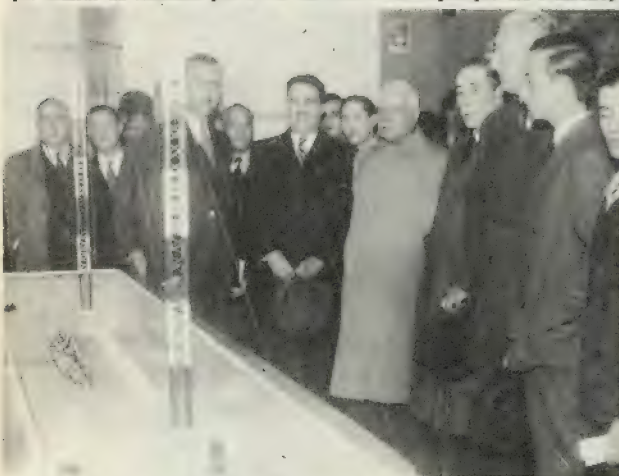
UM ASPECTO DA ASSISTÊNCIA À CONFERÊNCIA do grande escritor Gregório Marañon, no Circulo Eça de Queiroz, sôbre a «Lenda de D. João».

O REPRESENTANTE DO COMISSÁRIO NACIONAL DA «MOCIDADE PORTUGUESA» e outros oficiais superiores desta organização patriótica que presidiram à festa do Centro de Instrução Geral de Cadetes n.º 2 efectuada no Royal Cine.

O desembarque nas ilhas norueguesas de Maaloy e Vaagso

NOS ÚLTIMOS DIAS DO MÊS PASSADO, fôrças anglo-norueguesas desembarcaram nas ilhas de Maaloy e de Vaagso, destruindo 15.650 toneladas de navios inimigos. A guarnição de ocupação das ilhas foi morta ou aprisionada. Nesta página apresentamos três aspectos da luta durante o «raid» à Noruega. Em cima, o ataque a uma das povoações das ilhas. Ao centro, a aviação bombardeando o aeródromo de Herdla. Ao fundo, o incêndio provocado numa fábrica de óleo de Vaagso. Dois soldados inglêses vigiam, numa ponte, os movimentos do inimigo.

OS NOVOS CORPOS GERENTES das Casas de Leiria (em cima) e de Entre Minho e Douro (em baixo) após terem tomado posse dos seus cargos.

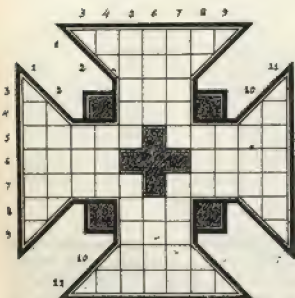
O SR. DR. JOAQUIM COSTA fazendo uma conferência no teatro de Barcelos por ocasião da comemoração do 58.º aniversário da corporação dos Bombeiros

O PESSOAL DA RÁDIO MARCONI promoveu uma exposição de trabalhos feitos pelos funcionários daquela emprêsa que se inaugurou no domingo passado.

Imagens da ITALIA na guerra

QUATRO ASPECTOS da acção das tropas italianas na guerra. De cima para baixo: Instantâneo dum ataque da infantaria italiana a uma região industrial do Donetz. — Combatendo para a conquista de uma importante posição nos arredores duma cidade ucraniana. — Sentinela italiana sôbre a ponte duma aldeia ocupada na região do Donetz. — Um submarino italiano que navega à superfície é atacado por fôrças inimigas. A tripulação prepara-se para o combate.

VARIEDADES

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 9

HORIZONTAIS: 1 — Leite azêdo. 2 — Espécie de môcho. 3 — Pedra. 4 — Preposição; Pref. desig. de Intensidade; Batráquio. 5 — Ruão; Arreios. 6 — Assim; Poeta. 7 — Recessos; Sumidades. 8 — Género de palmeiras do Brasil; Bom acolhimento; Letra grega. 9 — Espécie de sapo das regiões do Amazonas. 10 — Coscorão. 11 — Honra (pl.).

VERTICAIS: 1 — Doença que impede o crescimento dos cabelos e das sobrancelhas. 2 — Academia. 3 — Empunhei. 4 — Se; Ninho; Abrev. de frei. 5 — Arbusto dileniáceo do Brasil; Messe. 6 — Bom; Funesto. 7 — Ventilador; Marco. 8 — Parte em que se amuram as velas do navio; Bonzo; Oh. 9 — Se bem que. 10. — Zombeteiro. 11 — Aeriformes.

Soluções do problema n.º 8

HORIZONTAIS: 1 — O. 2 — Ara. 3 — Mundo. 4 — Arais. 5 — Ata. 6 — Som. 8 — Calor; Aviso. 9 — Amada; Temer. 10 — Ramos; Arava. 11 — Orara; Somos.

VERTICAIS: 1 — Caro. 2 — Amar. 3 — Lama. 4 — Má; Odor. 5 — Auras; Rasa. 6 — Ornato. 7 — Adias; Atas. 8 — Os; Vero. 9 — Iman. 10 — Sevo. 11 — Oras.

OSCILAÇÕES E PRENÚNCIOS

por FRANCISCO VELLOSO (continuação da pág. 8)

teiras da Indochina e na Birmânia batendo-se já reforçado pelas tropas da India que Wavell lhe juntou de tôdas as armas. A terceira é a de em dado momento poder ver, quási em ápice destruído, sem acudimento possível, por um ataque duplo lançado com essas fôrças da Birmânia e do Hunan, tudo quanto até agora conseguiu. A unificação dos comandos aliados, completada, a pedido de Wavell, pela demissão de Duff Cooper, verboso palrador para o que, com os altos comandos do seu jaez, tinha de fazer e não fêz — transformou em parte a situação. Pode o grande financeiro nipão, Fugihare, antever a sua pátria, em dez anos — num símile das previsões teutónicas — triunfante e subjugadora como a nação mais rica do Mundo. Sonhos são sonhos e são de graça. A impreparação dos Estados Unidos que agrava a sua responsabilidade histórica e mostra como os isolacionistas andavam peitados pelo *Eixo* contra o interêsse da sua própria pátria — vai por certo dar aso, após o recente regresso de Churchill, a queixas na Câmara dos Comuns. Mas a realidade é outra.

REVERSOS DE MEDALHA

HART

Os japoneses do *Japan Times Advertiser* já falam da eventualidade de um desembarque no continente americano. É preciso, no entanto, não supôr que os meios de que o Japão dispõe, possam ser infundidos em aventuras de suicídio. Não é só o vice-almirante inglês *Sir* Geoffrey Layton que reorganiza as bases orientais. O almirante Hart assim procede também. O plano das potências reünidas em Washington não faz evidentemente o jôgo da Alemanha, precipitando tôdas as fôrças disponíveis para o Pacífico com prejuízo da acção na Europa. Se um americanismo eivado de isolacionista ainda sonhou com isso, perdeu a mão com a destruição de 50 por cento do potencial naval norte-americano no Pacífico — e, como vai ver-se — foi Churchill quem lucrou com a vitória primordial do Japão. Na verdade, êsse plano aparece fundamentado na certeza de que Hitler pode atacar ainda e fortemente, e de que, por sua vez, Hitler tem de ser atacado em 1942. Assim, o ardente Knox, discursando aos municípios norte-americanos, respondeu àqueles que preguntam onde está o grosso da esquadra, que ela protege no *teatro principal da guerra* as comunicações entre a América e os Estados Unidos e que «é Hitler que nós temos de atacar». E acrescentou: «Isto feito, tôda a máquina do *Eixo* ficará inutilizada». Ora o *Eixo* não está em Tóquio, mas em Berlim. Por isto mesmo, a resistência e as primeiras acções ofensivas no Extremo Oriente contra o Japão, ligam-se, dentro dêsse plano, ao que está a passar-se no leste europeu.

A visita e conferências de Ribbentrop e Ciano a Budapeste não devem ter como único objectivo regularizar a questão do Banato iugoslavo e o conflito com a Roménia por a Hungria se haver apoderado, aliás a conselho de Berlim, das províncias romenas do noroeste, embora êste dissídio seja sério, dando aso a perigosa efervescência política dentro da Roménia contra Antonesco. Essas conferências de Budapeste têm por fim, acima de tudo, a integração do exército húngaro nas fôrças do *Eixo* a opor à Rússia e para uma acção provável e eventual contra a Turquia com a Bulgária além do Bósforo, em troca de compensações no fim da guerra...

O silêncio e o ódio

(Continuação da pág. 10)

íntimos tinha que ser dada outra resposta.

De pé, olhos nos olhos, o Homem e a Mulher encararam um no outro a expressão do seu próprio destino. Mas a um gesto imperceptível dos lábios da Mulher — logo a mão pesada do Homem lhe fechou na bôca as palavras inúteis que não queria ouvir.

Ainda se entreolharam hesitantes. Há, porém, certas preguntas que são uma resposta. E como a noite era cada vez mais fria, o Homem passou o braço em volta da cintura da Mulher, num gesto maquinal e inconsciente.

E então, muito enlaçados e juntos, desceram outra vez para cidade.

Vida MUNDIAL Ilustrada

JOSÉ CANDIDO GODINHO
Director

JOAQUIM PEDROSA MARTINS
Editor e Proprietário

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Garrett, 80, 2.º—Lisboa—Tel. 25844

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números): 11$00; 6 meses (24 números): 22$00; 12 meses (48 números): 43$00. África: 12 meses (48 números): 60$00. Estrangeiro c/convenção: 12 meses (48 números): 65$00; estrangeiro s/convenção: 12 meses (48 números): 80$00.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.da) — Tr. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS em Portugal e Colónias: Agência Internacional, R. de S. Nicolau, 19, 2.º - Tel. 26942.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Vida PORTUGUESA

EM CIMA: Os srs. drs. Francisco José Fernandes e José Augusto Queiroz Vaz Pinto, novos juízes do Supremo Tribunal Administrativo, prestando juramento, no acto da posse, perante o secretário geral, sr. dr. José António Marques. À DIREITA: Um aspecto do acto inaugural da exposição de pombos na Associação Central de Agricultura.

EM CIMA, à esquerda: O sr. dr. Alvaro Salema fazendo, na «Voz do Operário», a sua conferência subordinada ao tema «As doutrinas económicas do Mundo moderno». À DIREITA: O poeta e escritor francês Armand Guibert, bolseiro do Instituto para a Alta Cultura, figura notável da nova geração, fazendo, no Instituto Francês, a sua palestra dedicada à nova poesia francesa e portuguesa. — À ESQUERDA: O sr. dr. Lion de Castro, presidente do Conselho Técnico da Sociedade Portuguesa de Naturologia, dissertando, na Casa de Entre Douro e Minho, sôbre «A alimentação em tempo de guerra».

A ESFERA MISTERIOSA

Grande romance policial do escritor americano Max Felton

Especial para "Vida Mundial Ilustrada"

(Continuação dos números anteriores)

CAPÍTULO V

UM VISITANTE IMPENETRÁVEL

SETINIU sùbitamente a campainha do telefone. Jack Harman ergueu-se do «maple» onde o relato de Charles Read o deixara abatido e lançou mão do auscultador, inquirindo de má catadura, como se o irritasse aquela interrupção das suas locubrações:

— Alô?...

— ...

— Não, minha senhora, é o ajudante.

— ...

— Não sei, minha senhora. Diz-me quem fala?

— ...

— Ah! Um momento...

Jack Harman tapou o auscultador com a palma da mão e dirigiu-se a Charles Read, que o fitava com um olhar inquiridor:

— É «miss» Maud King. Pregunta se estás.

Read estendeu a mão e tomou o auscultador que o ajudante lhe passava.

— É «miss» Maud King? Aqui Charles Read.

— ...

— Estou absolutamente às suas ordens.

— ...

— É algum assunto grave?

— ...

— Com o roubo na fábrica?!... Ah! Sim...

— ...

— Exactamente. «Mister» King incumbiu-me dessas investigações...

— ...

— «Miss» Maud é muito amável em querer ajudar-me...

— ...

— Posso partir imediatamente, se quiser. Dentro de alguns minutos estarei aí. É só o tempo que o «taxi» demorar.

— ...

— Muito obrigado... Até já...

Pousou o auscultador, cortando a ligação, e voltando-se para Jack Harman, que tentara apreender o assunto do diálogo, exclamou:

— Isto chega a ser cómico!

— Que te queria ela?

— Falar-me imediatamente — esclareceu Charles. — Diz que tem pormenores interessantes sôbre o furto na fábrica... Ora, êsse furto não passa de uma invenção de King para disfarçar a verdadeira natureza das minhas investigações. É um roubo puramente imaginário.

— E Maud disse agora que sabia pormenores de um roubo que não existe?...

— Exactamente — confirmou o «detective». — Já viste coisa mais engraçada?

— Ou existe, de facto, um roubo que o próprio King ignora, ou essa menina sabe mais do que êle julga do furto da esfera e pretende despistar-te — deduziu Jack Harman, levantando-se e dando alguns passos nervosos pelo gabinete.

— Parece-me que o caso principia a não estar tão fechado, como nos parecia há poucos minutos — disse Charles Read. — Na verdade, quando John King ontem aludiu ao roubo na fábrica, pareceu-me ter surpreendido nos lábios de Maud um sorriso irónico. Foi uma impressão fugaz que logo se desvaneceu. Êste telefonema, porém, veio ressuscitar a minha suspeita. Aquela rapariga, ao contrário do que o pai supõe, sabe alguma coisa da esfera de aço. O segrêdo do milionário, afinal, não estaria tão bem guardado como êle imaginava.

— A não ser que se tenha dado a coincidência de um roubo em alguma das fábricas de King... — admitiu Harman.

— Talvez — murmurou Charles, sem convicção.

— Conhece a filha do milionário? — inquiriu Harman.

E erguendo-se, num movimento brusco, disse:

— Não devo perder um minuto. Vejamos o que me dirá «miss» Maud King.

Atirou o chapéu para a nuca e, a passo largo, sem proferir mais palavra, precipitou-se para a saída.

Jack Harman quedou, por um longo instante, especado no meio do compartimento, abstracto, com os olhos fitos no batente que se fechara após a saída precipitada do «detective».

Ficara-se a pensar na estranheza de tudo aquilo que Charles Read lhe contara. Por mais que tentasse profundar, não havia forma de compreender claramente a atitude de John King. Era fora de dúvida que êste procedia com um pensamento reservado. A esfera de aço representava para êle alguma coisa mais do que o seu pêso em metal. O que era a esfera de aço? Que conteria ela? Os planos de qualquer invento que o industrial quisesse realizar e com o qual poderia ganhar uma fortuna maior do que a que já possuía? Alguma jóia rara? Algum tesouro imperial? Corriam boatos sôbre o tesouro dos czares da Rússia. Acaso as jóias mais valiosas dêsse tesouro teriam ido parar às mãos de King, guardadas hermèticamente nessa esfera misteriosa?

Daria alguns anos da sua vida por saber o que essa bola aparentemente insignificante continha. Concluíra, porém, que tentar adivinhar o seu conteúdo equivalia a bater cegamente com a cabeça num cofre-forte para o abrir. Só a descoberta do autor do furto poderia conduzir a concreto conhecimento dêsse conteúdo. Era preciso, portanto, para desvendar o mistério da esfera de aço, encontrá-la, primeiro que tudo. E para a encontrar ou lançar mão a quem a furtara, urgia encontrar uma pista.

Ora, até então nada surgia que pudesse fornecer uma pista. O telefonema da filha do milionário era uma esperança. Mas podia muito bem acontecer que ela ignorasse totalmente a existência da bola misteriosa, como o pai afirmara, e se desse a coincidência de se ter produzido qualquer roubo numa das inúmeras fábricas de John King.

Jack Harman sentia-se impaciente pelo regresso do seu amigo Charles. Até lá, achava pueril entregar-se a deduções que só tinham por base o vácuo, e nada mais.

Depois de dar alguns passos ao longo do gabinete, foi refastelar-se num «maple», mergulhado na leitura do «New-York Herald». Mas seus olhos devoravam maquinalmente as linhas, sem que o cérebro lhes apreendesse o sentido. Por mais que quisesse afastar do pensamento o caso de que o seu colega fôra incumbido, mais a ideia nêle se obstinava.

Tinha pena de não ter acompanhado o amigo ao palácio do milionário para ouvir com os seus ouvidos e ver com os seus olhos. Gostava de ter assistido à cena da revelação do cofre na parede e escutado as explicações de King, surpreendendo-lhe todo o jôgo fisionómico que, muitas vezes, é mais eloqüente do que as palavras, quando não as contradiz. Foi uma pena não ter ido também.

De certo teria sido melhor observador do que Charles Read, porque não estaria, como êste, sob a pressão de um ambiente de cerimónia, que lhe era mais familiar, devido à opulência da sua origem, de que conservava tão gratas reminiscências e à qual esperava regressar um dia.

Estas cogitações foram sùbitamente interrompidas por Giovanni, o criado, que, abrindo a porta de mansinho, avançara o seu rosto emoldurado nas suiças grisalhas, dizendo a meia voz:

— Está lá fora um senhor que deseja falar a «mister» Read.

— Não lhe disse que «mister» Read saiu?

— Disse, sim senhor — tornou o criado. — Êle preguntou se não estava alguém que o substituísse.

— E que lhe respondeu?

— Que ia ver.

— Como se chama êle?

— Não me quis dizer o nome.

— Então, mande-o entrar para aqui.

Giovanni desapareceu, fechando a porta sem ruído. Jack Harman ergueu-se do «maple» e, de pé, no meio do aposento, esperou, com certa curiosidade, o visitante que vinha providencialmente distraí-lo, tornando assim mais curta a ausência de Charles Read.

Momentos depois, abriu-se a porta e no limiar surgiu um homem de idade indefinida, rosto muito moreno, quási mulato, olhos negros, nos quais fulgurava um estranho lampejo, magro e franzino, que se deteve um momento, inquirindo com uma pronúncia adocicada e mansa:

— Permite-me a entrada?

— Tenha a bondade... — respondeu o ajudante de Charles Read, dissimulando a sua estranheza pelo tipo que inesperadamente se lhe deparara.

O homem entrou a passo miúdo e leve e, aproximando-se de Jack Harman, fêz uma grande mesura, ao mesmo tempo que dizia num brando tom de voz:

— Tenho a honra de lhe apresentar os meus respeitos...

Harman, sem bem saber o que pensar de tão cortês visitante, estendeu-lhe a mão, que o outro apertou com alvorôço entre a dextra e a sinistra, e convidou-o depois com um gesto amável a sentar-se num «maple».

O visitante abeirou-se do «maple» e

ficou de pé a olhá-lo, com um sorriso untuoso.

— Tenha a bondade de sentar-se — insistiu Harman.

— Aguardo que o senhor se sente, primeiro... Posso esperar...

O jóvem não teve outro remédio senão sentar-se, numa cadeira em frente do homem moreno, que tinha todo o aspecto de um filho da velha Índia.

O moreno sentou-se, por sua vez, lentamente, ajeitando logo o vinco impecável das calças e olhando com uma espécie de ternura o rebrilho dos sapatos negros, engraxados a capricho.

Calado, Jack Harman seguia-lhe, cheio de curiosidade, todos os movimentos e espiava-lhe, numa inquirição muda, a expressão beatífica do rosto.

— A que devo a honra da sua visita? — preguntou, por fim.

— Já sei que «míster» Charles Read não está — disse pausadamente o homem franzino e trigueiro. — Era com êle que desejava falar.

— Se fôr assunto de que eu possa tomar conhecimento — disse, com uma ligeira reverência Jack Harman, que parecia contagiado pela pulidez da visita — estou inteiramente às suas ordens.

O homem esboçou um gesto vagamente delicado, arqueou as sobrancelhas negras e arregaçou os lábios escuros num sorriso, revelando uns dentes de jaspe e pronunciou em sua voz dariciosa:

— Nem de longe, nem de perto, me passa pela ideia melindrá-lo, meu caso senhor. Mas preferia falar com «míster» Charles Read. O assunto que aqui me traz é da mais alta importância. E só a êle desejaria confiá-lo...

— É, realmente, lamentável que o meu colega e amigo não esteja presente, neste momento — disse Harman.

— É possível que ainda se demore um bom bocado. Se o senhor quiser, escutá-lo-ei e, quando «míster» Read regressar, pô-lo-ei ao corrente do assunto que versarmos.

— O senhor, na verdade, é muito amável — proferiu o visitante, quási num murmúrio. — Estou comovido com a atenção que faz o favor de dispensar-me. Não sei como agradecer-lha. Mas, se me desse licença, e sem querer abusar da sua amabilidade, preferia esperar com paciência o regresso de «míster» Charles Read. Vim com o propósito de falar com êle e seria desolador não o ver sequer.

Jack Harman viu que estava a tratos com um oriental teimoso e paciente, daqueles que são capazes de gastar anos e anos a esculpir, sem um tremor de mão, nem um bocejo, um rosto humano num grão de arroz. O homem viera com o propósito de falar a Charles Read; seria quási impossível dissuadi-lo. E entre o risco de afugentar talvez um bom cliente, despedindo-o e dizendo-lhe que voltasse mais tarde, e aturá-lo até ao regresso do «detective», decidiu-se o jóvem por êste último caminho.

Revestiu-se de tôda a sua paciência, abriu a cigarreira, oferecendo um cigarro ao homem moreno, que só aceitou depois dêle se servir, e foi dizendo:

— Não sei ao certo quanto tempo «míster» Read ainda se demorará... Êle foi longe...

— Oh! Não importa! — acudiu o homem, recostando-se melhor no «maple». — Estou disposto a esperar o tempo que fôr necessário. Um ditado oriental diz que a felicidade só a alcançam os que a sabem esperar e não os que correm ilusòriamente atrás dela.

Esta frase definiu bem, no conceito íntimo de Harman, a têmpera do homem que tinha na sua frente. Ao mesmo tempo que o ia observando, sentia-se mordido por uma grande curiosidade de saber que espécie de assunto iria êle tratar com Charles Read. Fazia mentalmente rodeios para encontrar maneira de entabolar conversa mais animada. Atreveu-se a formular uma pregunta.

— Se não sou indiscreto, poderei saber onde nasceu?

O outro esboçou um sorriso afável e, sem pressas, proferiu:

— A sua indiscrição é para mim uma honra. Significa que lhe mereço algum interêsse, o que muito me desvanece. Acho perfeitamente justificada a sua pregunta. Eu, na verdade, devo parecer tudo, menos um «yankee». Preguntas como a sua são muito freqüentes aqui na América. Fazem-mas a cada passo. No hotel, no auto-omnibus, no «metro», no combóio, há sempre uma pessoa que inquire: «O senhor é americano?» E a minha resposta é sempre a mesma: «Não, não sou americano».

Calou-se a quebrar a cinza do cigarro no rebordo do cinzeiro. Jack Harman julgou que êle apenas se interrompera por um momento para prosseguir depois. Mas breve se convenceu de que era apenas aquela resposta ambígua que êle pretendera dar à sua pregunta tão concreta: «Onde nasceu?» Êle não revelou onde nascera; limitara-se a dizer que não era americano, o que não era positivamente a mesma coisa. Que não era americano já o calculava; o que lhe interessava saber era a terra da sua naturalidade.

Ficou sem saber se o homem tinha algum interêsse em ocultar-lhe êsse pormenor da sua vida ou se deixara de responder à sua pregunta, por simples distracção ou dispersão de pensamento. O caso é que aquele pequenino incidente o desconcertara um pouco. Foi com mais dificuldade que tentou abrir de novo caminho para um diálogo mais vivo.

— O assunto de que vem tratar com «míster» Read é de certo muito urgente... — insinuou êle.

O homem voltou a mostrar os dentes no seu sorriso afável para filosofar:

— Se quisermos ser justos, hemos de concordar que não há neste mundo assuntos urgentes. A felicidade é para o homem o assunto mais urgente da sua vida. Desde que nasce, primeiro, inconsciente, depois consciente, até morrer, êle não faz senão lutar por ser feliz. E afinal, êsse assunto urgente é quási sempre o que se resolve em último lugar, nas raras vezes em que se resolve.» E mesmo aqueles que nós julgamos que alcançaram ràpidamente a felicidade, são sempre os que se lamentam de mais demoradamente a atingirem. Ora, a minha urgência em falar a «míster» Read está relacionada com a sua demora...

Jack Harman não se sentia bem com aquela filosofia, proferida num tom delicado e manso, que principiava a enervá-lo. Não sabia se aquele homem era um trocista, disposto a brincar com êle, se um estranho filósofo do Oriente, cujo temperamento e educação o diferenciava como se pertencesse a uma outra humanidade.

O certo é que já não sabia como lidar com êle. Hesitava na atitude a tomar: deixá-lo sòzinho até à chegada de Read ou quedar ali, com aquela presença antipática, calado, alheio, mergulhado na leitura do seu «New-York Herald», ligando-lhe tanta importância como a uma imagem de Buda, enigmática e granítica.

Pensava na melhor forma de recomeçar o ataque para obter do visitante qualquer coisa de concreto, quando êste último se adiantou às suas intenções, inquirindo, em tom negligente:

— «Míster» Read tem agora muito que fazer?

— Tem sempre muito que fazer — respondeu Jack Harman. — Agora mesmo foi chamado à pressa para tratar de um assunto bastante bicudo...

— O que lhe trago para êle resolver — disse o homem — é talvez o mais importante que tem surgido na sua carreira. — Deteve-se um momento, com um estranho brilho no olhar, e prosseguiu: — É um problema fechado, difícil, impenetrável como uma bola de aço.

Ouvindo estas palavras, Jack Harman fêz um sobrehumano esfôrço para não trair o seu sobressalto. Assaltaram-no sùbitamente mil pensamentos suspeitos àcêrca daquele homem misterioso. Iria êle ali tratar de algum assunto que se relacionasse com o desaparecimento da esfera de aço do milionário? Teria pronunciado aquelas palavras — «bola de aço» — impensada ou intencionalmente?

O seu olhar cravou-se mais penetrante no homem escuro, que permanecia imperturbável, com o seu sorriso sereno e o seu ar repousado. Resolveu-se experimentar descobrir um pouco do pensamento do seu interlocutor. Com indiferença, no tom de quem não quere deixar morrer um começo de conversa, proferiu:

— É perfeitamente aplicável o têrmo «bola de aço» ao problema que o meu mestre e amigo traz agora entre mãos. O senhor falou como se realmente o conhecesse.

O outro quedou um instante silencioso. Depois, pronunciou:

— Quem sabe se o problema que o preocupa não se relacionará com o meu!

— Quem sabe... — murmurou Harman, fitando-o muito, como se quisesse penetrar-lhe o pensamento.

Os seus olhares cruzaram-se por uns momentos, talvez com idêntica intenção. O visitante desviou os olhos e disse em voz macia:

— Há coincidências tão extraordinárias que não me assombraria muito que «míster» Read estivesse trabalhando já, antes de me conhecer, no problema que aqui me trouxe.

— Acaso não se poderá saber, por alto, apenas por ligeiro indício, o problema que deseja expor a «míster» Read? — inquiriu Jack Harman, dissimulando a sua ansiedade.

O visitante encolheu ligeiramente os ombros e disse:

— É difícil sintetizá-lo em poucas palavras. Basta que lhe diga que se trata, realmente, de uma «esfera de aço»...

— Quê?! — exclamou, Jack Harman, erguendo-se de um salto. — Acaso... Mas isto é extraordinário!... É uma bola de aço roubada?!...

— Sim, roubaram-me uma esfera de aço, que tinha em muita estimação — confirmou o homem, que se tornara sùbitamente sério, grave.

Harman, recobrando a custo a serenidade, voltou a sentar-se e, em voz que se esforçava por ser calma, pediu:

— Aconselho-o a não perder mais tempo, em esperar por «míster» Read. Pode falar comigo à vontade, porque estou familiarizado com o seu assunto.

O outro parecia hesitar.

— Fale sem receio, que eu sou o ajudante de Read. Aproveitemos o tempo de espera — insistiu Harman.

— Mas depois terei que repetir a mesma história ao seu amigo — observou o homem. — São dois trabalhos escusados. É melhor aguardarmos, com paciência, mais uns minutos.

Harman teve uma ideia súbita. Lançou mão do telefone, fêz uma ligação.

— Alô?...

— ...

— Desejava falar a «Miss» Maud...

— ...

O homemzinho escuro observava-o com um sorriso indefinido.

— Alô? — tornou Harman, decorrido um instante. — É «miss» Maud?

— ...

— Aqui, Jack Harman, ajudante de «míster» Read.

— ...

— Precisava de fazer uma comunicação urgente a «míster» Read.

— ...

— Não está aí?!...

— ...

— Mas êle saiu para aí há uns três quartos de hora.

— ...

— Ainda não chegou? Acho estranha a demora...

— ...

— Rogo-lhe a fineza de lhe pedir que me telefone, logo que aí chegar. É um assunto muito urgente.

— ...

— Não posso dizê-lo pelo telefone, «miss» Maud.

— ...

— Tenho a maior confiança em «miss» Maud... Mas não posso dizer essas coisas pelo telefone; ficará para melhor oportunidade.

— ...

— Ora, essa... Fico às suas ordens e muito obrigado.

— ...

— Muito obrigado...

Pousou o auscultador. Parecia preocupado. Depois, voltando-se para a visita disse:

— «Míster» Read ainda não tinha chegado ao seu destino. Deixei-lhe recado para me telefonar, logo que lá chegue.

— Era com «miss» Maud King que estava falando, não é verdade? — inquiriu macìamente o homem.

Harman olhou-o, estupefacto. Como sabia êle que era Maud King que telefonava? Porque ligava o seu nome ao assunto que ali o levava? Que relação poderia ter Maud King com o caso da esfera de aço? Tôdas as interrogações o levavam a um terreno de suspeitas.

Suspeitava de Maud, de John King e daquele homem, cujo nome ainda ignorava.

— Acaso conhece a filha do milionário? — inquiriu Harman.

— Conheço... um pouco — respondeu o homem.

— E como adivinhou que era ela quem estava no outro lado do fio?

O desconhecido teve um rizinho sardónico e redarguiu:

— Tive um palpite.

(Continua)

QUEM ROUBOU? ONDE ESTÁ? QUE CONTÉM?

Os leitores de «Vida Mundial Ilustrada» e do nosso folhetim policial «A Esfera Misteriosa» vão ter uma oportunidade para pôr à prova as suas qualidades de sagacidade e perspicácia.

Acompanhando a leitura da obra de Max Felton, todos podem tomar parte num curioso concurso. Basta que, até ao dia 31 de Março nos mandem, em carta fechada, as respostas a estas três preguntas ligadas com a acção do romance:

1.º — Quem roubou a esfera misteriosa?
2.º — Onde está a esfera misteriosa?
3.º — Que contém a esfera misteriosa?

Os leitores que acertarem com as respostas ficam habilitados a três prémios, a atribuir da seguinte maneira:

1.º prémio — A quem acertar com as três respostas.
2.º prémio — A quem acertar com as respostas a duas das preguntas.
3.º prémio — A quem acertar com a resposta a uma das preguntas.

No próximo número daremos mais esclarecimentos sôbre os prémios dêste concurso, que — estamos certos — vai obter o maior êxito entre os nossos leitores.

PENSEM — RACIOCINEM — E RESPONDAM!

O GENERAL WAVELL, comandante geral das fôrças aliadas no sudoeste do Pacífico, fotografado ao partir de Singapura para as Índias Holandesas, onde foi estabelecer o seu Quartel General. A viagem foi feita de avião. Um dos aviadores coloca-lhe aos ombros o pára-quedas.